

Os manuais para “se dar bem” na profissão de jornalista: Prescrições discursivas em um mundo do trabalho em mutação

The guides on how to succeed as a journalist: discursive prescriptions in a changing world of work

Rafael Grohmann

Mestre em Ciências da Comunicação, pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo – ECA/USP; graduado em Ciências Sociais, pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF; professor dos cursos de Rádio e TV e Relações Públicas do complexo educacional formado pelas Faculdades Metropolitanas Unidas, Faculdades Integradas Alcântara Machado e Faculdade de Artes Alcântara Machado – FMU/Fiam/Faam; pesquisador do Centro de Pesquisas em Comunicação e Trabalho. *E-mail* para correspondência: rafael-ng@uol.com.br.

Resumo

A partir das mudanças no mundo do trabalho dos jornalistas, o artigo analisa os livros que pretendem mostrar os caminhos para se atingir o sucesso na profissão de jornalista, considerando este material como “prescrição” do trabalho. A análise foi realizada a partir dos aportes da ergologia e do Círculo de Bakhtin para compreender as relações dialógicas destas prescrições com o mundo do trabalho em mutação.

Palavras-Chave: jornalista; prescrição; trabalho.

Abstract

From the changing in the world of work of journalists, the paper analyzes the books that purport to show the ways to achieve success in the profession of journalist, considering the material as “prescription” of labor. The analysis is performed from the contributions of Ergology and the Bakhtin Circle to understand the requirements of these dialogical relations with the changing world of work.

Keywords: journalist; prescription; work.

Os manuais para “se dar bem” na profissão de jornalista: Prescrições discursivas em um mundo do trabalho em mutação.

1. Introdução

Com as mudanças no mundo do trabalho dos jornalistas, os manuais de redação dos grandes jornais já não são mais a única – ou a principal – forma de prescrição para o trabalho jornalístico. Como mencionou Lima (2010), o jornalista está cada vez mais afastado das grandes redações, migrando para as assessorias de imprensa e os pequenos negócios ou atuando como *freelancer*.

Com estas mudanças, surgiu um tipo de literatura que se propõe a ensinar os passos para se atingir o sucesso na profissão de jornalista, mesmo que, em seu discurso, afirme que tais passos não servem para todas as pessoas. Esta literatura está no plano do “dever-ser”, na esfera da normatividade, sem o qual nenhum trabalho pode existir. Trata-se de uma “linguagem sobre o trabalho” (NOUROUDINE, 2002) que revela visões de mundo sobre o que se espera de um jornalista na atualidade, mostrando discursos sobre o próprio profissional.

Com apoio da abordagem da ergologia e da análise dialógica do discurso, este artigo pretende analisar os seguintes livros: *A vaga é sua: como se preparar para trabalhar em jornalismo*, de Ana Estela de Sousa Pinto e Cristina Moreira de Castro (2010), *Jornalismo freelance: empreendedorismo na comunicação*, de João Marcos Rainho (2008), e *Manual do frila: o jornalista fora da redação*, de Maurício Oliveira (2010). A partir deste material, pretende-se mostrar as formações ideológicas e a interdiscursividade presentes nos enunciados destes textos, e como esta “prescrição” sobre o trabalho do jornalista revela pistas das mudanças na organização e no processo de trabalho.

2. Apontamentos teóricos

2.1 Ergologia

A ergologia não é uma disciplina, mas um ponto de vista, uma abordagem para conhecer melhor as situações de trabalho, tomadas como “atividade humana”. Ou seja, o trabalho é uma atividade “que comporta uma herança cultural e história das técnicas, da experiência das gerações passadas e da experiência pessoal, o que permite ao homem uma transcendência criativa” (FÍGARO, 2008a).

O maior expoente da ergologia, Yves Schwartz, utilizou-se da filosofia da vida de Georges Canguilhem e contou com o aporte da ergonomia de língua francesa. Como disse Schwartz (GOMES, ABRAHÃO & VIEIRA, 2006), “esses ergonomistas se apropriam do conceito de ‘atividade’ que vinha da psicologia soviética, em que Vigotski e Leontiev são as referências (...). A ergologia conseguiu juntar a história do conceito de atividade, de um lado, com os

ergonomistas, e, de outro, com a herança da filosofia da vida de Georges Canguilhem” (GOMES, ABRAHÃO & VIEIRA, 2006: 458-459).

É, então, no trabalho o lugar onde as “subjetividades humanas” se fazem e refazem, ou, como asseveraram Schwartz & Durive (2008), “é efetivamente na atividade de trabalho que se manifesta a dialética do uso de si, ou seja, a maneira singular pela qual os homens e as mulheres fazem usos deles próprios e daquilo que os outros lhes demandam” (SCHWARTZ & DURRIVE, 2008: 70).

O trabalho real é sempre resultado de um debate entre normas, das “renormalizações” em relação ao trabalho prescrito em um “mundo do trabalho que transborda” (SCHWARTZ & DURRIVE, 2008). A atividade humana, então, é sempre singular, trazendo algo de inédito, renovando, reatualizando e debatendo as normas antecedentes. Ou seja, o trabalho realizado nunca corresponde ao trabalho esperado, aos saberes constituídos. No entanto, sem estas prescrições, não há trabalho, pois seria impossível debater as “renormalizações” e os constrangimentos impostos ao indivíduo.

As normas antecedentes, que permitem compreender e antecipar as atividades a serem desenvolvidas, efetuam-se a partir de manuais, regras, procedimentos, diretrizes, instruções técnicas e prescrições. Para Daisy Moreira (2005: 11):

(...) essas normas antecedentes são saberes identificáveis e que podem ser armazenados, sistematizados e são passíveis de transmissão. Ao mesmo tempo, tais normas antecedentes podem dizer respeito a vários níveis de codificação: misto heterogêneo de saber geral; misto de elementos transformados em patrimônio e normalizados com base na experiência de entidades coletivas; regras de funcionamento antes oriundas das estratégias de governo de trabalho que integra relações de poder e objetivos econômico-gerenciais.

As normas antecedentes, portanto, podem caracterizar-se como uma das linguagens encontradas sobre o trabalho, embora não abarque a totalidade do trabalho real. Entender, portanto, estas prescrições como discursos ajuda a apontar caminhos para a compreensão do mundo do trabalho a partir do binômio “comunicação e trabalho”, compreendido como atividade humana.

2.2 O círculo de Bakhtin e a análise dialógica do discurso

A análise dialógica do discurso, a partir do Círculo de Bakhtin¹, possui uma concepção de linguagem apoiada em relações discursivas que se dão entre sujeitos

historicamente situados. Sob tal perspectiva, é preciso “deixar que os discursos revelem sua forma de produzir sentido, a partir do ponto de vista dialógico, num embate” (BRAIT, 2010: 24).

Esta concepção de linguagem faz uma dupla recusa: a redução da análise ao social e a redução da análise ao linguístico. Para o Círculo de Bakhtin, devem-se considerar as duas dimensões, ou, como argumentou Fiorin (2007: 77), “obriga a análise a voltar-se para dentro e para fora, para o texto e para o contexto, para os mecanismos internos de agenciamento de sentido e para a formação discursiva que governa o texto”.

Um conceito importante no Círculo é o de ideologia, mas não visto como falsa consciência, e sim como “constituída pela realidade e constituinte da realidade” (FIORIN, 2007), acompanhada pela palavra². Como falaram³ Bakhtin/Volochinov (2010: 31), “um produto ideológico faz parte de uma realidade (natural ou social) como todo corpo físico, instrumento de produção ou produto de consumo; mas, ao contrário destes, ele também reflete e refrata uma outra realidade, que lhe é exterior”.

Para Bakhtin/Volochinov (2010), sem signos não há ideologia, sendo que esta está ligada aos valores escolhidos pelo sujeito para refletir e/ou refratar a realidade. “Todo signo está sujeito aos critérios de avaliação ideológica (isto é: se é verdadeiro, falso, correto, justificado, bom etc.) (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2010: 32).

Não se trata, portanto, de apenas uma ideologia que permeia os indivíduos, mas “fios ideológicos” que tecem as palavras e servem para todas as esferas das relações sociais. Além disso, a ideologia não se dá somente em sistemas constituídos, como a arte e o direito, mas também na vida cotidiana, o que Bakhtin/Volochinov traduziram no conceito de “ideologia do cotidiano”, que acompanha todos os atos, gestos e estados de consciência dos indivíduos.

Neste sentido, cabe destacar o conceito de “formação ideológica” que se constitui de um conjunto de discursos, que são a materialização das formações ideológicas. Para Fiorin (2007: 32), “a cada formação ideológica corresponde uma formação discursiva, que é um conjunto de temas e de figuras que materializa uma dada visão de mundo”. Ou, como declarou Orlandi (2005: 43), “tudo que dizemos tem, pois, um traço ideológico em relação a outros traços ideológicos. E isto não está na essência das palavras, mas na discursividade, isto é, na maneira como, no discurso, a ideologia produz seus efeitos, materializando-se nele”. Determina-se, então, o que pode e o que não pode ser dito.

Deste modo, o discurso é um lugar de reprodução, conflito e heterogeneidade. O indivíduo, assim, resulta de vários discursos: “é paciente de uma pesada carga social, que atua ditatorialmente sobre cada um. Mesmo assim, a subjetividade é única, carrega os traços da especificidade do ser que reelabora essa carga e do universo a que ele pertence” (BACCEGA, 1995: 22). Como afirmou Adam Schaff (1976), a palavra carrega a “prática social solidificada”.

A análise de discurso, entretanto, não é uma investigação policial, pois não se preocupa com o enunciador real, mas com o enunciador inscrito no discurso. Portanto, a análise “não se interessa pela ‘verdadeira’ posição ideológica do enunciador real, mas pelas visões de mundo dos enunciadores (um ou vários) inscritos no discurso” (FIORIN, 2007: 49).

A análise das relações dialógicas materializadas nos enunciados, para o Círculo de Bakhtin, é de fundamental importância para a compreensão dos discursos. O enunciado deve ser a unidade de análise e é constituído na atitude responsiva, com alternância dos sujeitos. “Cada enunciado deve ser visto, antes de tudo, como uma resposta aos enunciados precedentes de um determinado campo” (BAKHTIN, 2003: 97). As relações dialógicas, através dos embates, são mostradas nos enunciados. Nem mesmo o discurso interior, do indivíduo consigo, pode ser considerado um monólogo; é, pois, antes, um diálogo, com um enunciador/enunciatório.

“A palavra não é um objeto, mas um meio constantemente ativo, constantemente mutável de comunicação dialógica. Ela nunca basta a uma consciência, a uma voz” (BAKHTIN, 1997: 203). O dialogismo, portanto, é constitutivo da linguagem, e, como disse Fiorin (2010), é também uma forma particular de composição do discurso.

Entendido esse ponto de vista, não se pode considerar o conceito de “dialogismo” como diálogo, nem como um conceito operatório, a exemplo do conceito de polifonia. Para Fiorin (2010: 191), “o autor russo não apreende essa historicidade discursiva por meio de ‘anedotas’ acerca da produção de um determinado discurso. Com o conceito de dialogismo, capta-a no próprio movimento linguístico de sua constituição”.

O conceito de “interdiscursividade” é importante para captar as relações dialógicas no discurso, pois, como salientou Bakhtin (2003: 319), “o locutor não é um Adão, e por isso o objeto de seu discurso se torna, inevitavelmente, o ponto onde se encontram as opiniões

¹ Considera-se o Círculo de Bakhtin formado, principalmente, por Volochinov, Medvedev e Bakhtin, em quem será centrada a análise. Mas o Círculo também contava com autores como Kanaev e Iudina. Não se atribuem aqui todas as obras do Círculo a Bakhtin, mas se respeitará a autoria dada pelas edições brasileiras. Como disseram Morson & Emerson (2008), a autoria dos textos está longe de ser uma questão estabelecida, por isso se tratará da obra bakhtiniana como de “Bakhtin e o Círculo”, até em consonância com a sua epistemologia dialógica.

² “A palavra funciona como um elemento essencial que acompanha toda criação ideológica, seja ela qual for. A palavra acompanha e comenta todo ato ideológico” (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2010: 38).

³ Optou-se por padronizar a conjugação no plural de todas as autorias do Círculo que apareçam nesta disposição (como Bakhtin/Volochinov).

de interlocutores imediatos”. Este conceito implica o “diálogo com os outros discursos, ao mesmo tempo em que (*sic*) revela a especificidade do discurso construído no processo” (BACCEGA, 1995: 27). A intertextualidade é definida, segundo Fiorin (2010), como a relação discursiva materializada em texto, e pressupõe interdiscursividade.

A análise dialógica de discurso, a partir do Círculo, então, pode, segundo Brait (2010: 13), “(...) interpretar marcas e articulações enunciativas que caracterizam o(s) discurso(s) e indiciam sua heterogeneidade constitutiva, assim como a dos sujeitos aí instalados”, reconhecendo o gênero do discurso e os gêneros que nele se articulam. As relações dialógicas, nesta perspectiva, podem ser trabalhadas em uma teoria da enunciação, em que se considerem as questões do sentido, “apresentadas por meio da discussão dos conceitos de tema e de significação e, também, das formas de presença do outro na linguagem e no fio do discurso” (BRAIT, 2010: 23).

2.3 Os jornalistas e as mudanças no mundo do trabalho

O mundo do trabalho dos jornalistas tem mudado muito nos últimos anos, devido não somente à introdução de novas tecnologias, mas ao processo e à organização do trabalho. O jornalista tem que ser multiplataforma e polivalente, com a exigência de domínio dos mais variados meios e linguagens, assumindo funções desempenhadas antes por outros profissionais. Trata-se de uma polivalência não somente tecnológica, mas midiática e temática.

Deste modo, ocorrem zonas de conflito e sobreposições das profissões na área de comunicação. Como afirmou Scolari (2008: 203), “*un periodista comenza a usar el ordenador para editar vídeos, un diseñador gráfico se acerca al mundo de la edición sonora para comenzar a experimentar en el multimedia y el fotógrafo descubre el programa de ilustración a partir del uso del software de retoque*”.

O jornalista faz parte de uma classe trabalhadora pensada de forma ampliada, conforme fez Antunes (2001), a partir da categoria de “classe que vive do trabalho”, e as mudanças no seu mundo do trabalho fazem parte das mudanças no mundo do trabalho de uma forma geral. Taylor e Fayol, no início do século XX, propuseram a racionalização do processo produtivo a partir de conceitos como hierarquia, especialização, controle e autoridade, considerando como prioridade o aumento da produtividade da mão de obra, com uma concepção de homem como “homem-boi”.

Após a Segunda Guerra Mundial, surgiu o modo toyotista (ou ohnista) de produção, com a desespecialização e a polivalência operária, valorizando os trabalhadores multifuncionais. Nesta perspectiva, valorizam-se a gestão participativa, a flexibilidade e a busca da qualidade total. A partir de textos da área de gestão empresarial dos anos 1960 e 1990, na França, Boltanski & Chiapello (2009) analisaram o seu caráter prescritivo em relação às “organizações flexíveis”.

Os textos da década sessentista do século XX propugnavam maior liberdade aos executivos, procurando maior flexibilização da burocracia advinda da centralização

das empresas. Já os da década de 1990 prolongaram este movimento ao retomarem temas como a antiburocracia, a autonomia e a confiança. As ideias-chave dos anos 1990, a partir dos textos prescritivos, foram as seguintes: organização do trabalho em equipe, ou por projetos; opção por empresas enxutas que trabalhassem em rede com um grande número de participantes, a partir de equipes pluridisciplinares; e uma mobilização geral dos trabalhadores graças às visões de seus líderes.

Neste “novo espírito do capitalismo”, conforme observaram Boltanski & Chiapello (2009), vive-se em uma “cidade por projetos”, onde as pessoas não fazem mais, em sua maioria, uma carreira estável, mas é o sucesso em um dado projeto que abrirá ou fechará oportunidades para os próximos projetos, seja como líder, seja como colaborador. “A atividade profissional passa a ser feita de uma multiplicidade de encontros e conexões temporárias, mas reativáveis, em grupos diversos, realizados em distâncias sociais, profissionais, geográficas e culturais eventualmente muito grandes” (BOLTANSKI & CHIAPELLO, 2009: 135). Ou, consoante o que disse Scolari (2008: 209), a partir do trabalho dos comunicadores,

(...) en este contexto algunos valores como “lealtad corporativa” o el “hacer carrera” asumen una nueva dimensión: en las empresas más exitosas la lealtad se construye a fuerza de repartir acciones entre sus empleados y el recorrido profesional se delinea a partir de la calidad e impacto económico de los proyectos dirigidos (SCOLARI, 2008: 209).

As qualidades para se ter sucesso no “novo espírito do capitalismo”, ou seja, nesta nova prescrição do mundo do trabalho, são fatores como comunicabilidade, abertura para o outro, sensibilidade para as diferenças, atração pelo informal, aceitação de múltiplas experiências e busca de contatos interpessoais. Para os autores citados, são conceitos extraídos a partir do repertório dos movimentos de maio de 1968, ressignificados a partir de outra visão.

Este caráter transitório da “cidade por projetos” ajusta-se a um mundo em rede, não necessariamente um mundo conectado pela internet, mas, basicamente, pelas relações interpessoais. Multiplicam-se as conexões e os elos, e quem não explorar estas redes ou souber encontrar os “melhores projetos”, enfim, fazer os melhores contatos, está ameaçado de exclusão.

A rede, neste sentido, sempre se baseia em relações interpessoais fortes, além da própria atividade de trabalho, e a distinção entre vida profissional e pessoal pode, muitas vezes, confundir-se. “A extensão da rede exige que se renuncie à amizade, ou melhor, que, em se tratando de avaliar a qualidade de um elo, se renuncie a fazer distinções entre relações desinteressadas de amizade e relações profissionais ou úteis” (BOLTANSKI & CHIAPELLO, 2009: 156). Torna-se difícil, portanto, diferenciar um jantar de negócios de um jantar entre amigos, por exemplo.

Esta flexibilidade, então, acabou por transportar aos assalariados e subcontratados o peso das incertezas do mercado, com mão de obra maleável, seja em termos de horário, seja de jornada de trabalho ou de emprego (como

empregos temporários, precários ou trabalho autônomo). Para Boltanski & Chiapello (2009), os trabalhadores temporários são, mais do que um dispositivo que possibilita enfrentar as variações na demanda, uma ferramenta de seleção e um meio de exercer pressão.

Em sua pesquisa sobre o perfil do jornalista no Estado de São Paulo, Lima (2010) mostrou que o emprego com carteira assinada encontra-se cada vez mais raro, e o jornalista está trabalhando em casa e/ou como *freelancer*. Também concluiu que os jornalistas de hoje são mais individualistas, e os mais jovens pensam na informação mais como um “negócio” e no público mais como um “cliente”.

Roseli Fígaro (2008: 460) concordou com esta visão. Para ela:

(...) a concorrência entre colegas, a falta de camaradagem, as condições contratuais precárias – *freelancer*, pessoa jurídica e cooperados – deixam o profissional em situação de desvantagem. Jornadas de trabalho extensas, ritmo acelerado de trabalho corroboram para situações de tensão e estresse (FIGARO, 2008: 460).

Ou seja, é a partir deste mundo do trabalho em mutação que atuam as “normas antecedentes” e as prescrições dos livros para se atingir o sucesso na profissão.

3. Análise

Os “manuais” para “se dar bem” na profissão de jornalista não se encontram totalmente na esfera jornalística, pois não tratam dos gêneros jornalísticos convencionais, como a notícia, a reportagem ou o artigo de opinião. Estes textos são dirigidos a jornalistas e escritos por profissionais da área, ou seja, há a legitimação do discurso por intermédio das experiências destes profissionais.

Em outra direção, não se pode considerar este material da mesma forma que os manuais de redação dos grandes jornais. Estes trazem uma prescrição mais “fechada” em como os profissionais devem agir dentro de determinada empresa. Os textos aqui considerados prescrevem, mas estas prescrições, muitas vezes, aparecem “apagadas”, como se discutirá posteriormente. Por isso, será considerado o material analisado como “manuais”, com aspas.

É possível definir estes “manuais” como estando entre as esferas do jornalismo e de “carreiras” ligadas ao discurso das áreas de Administração e de Recursos Humanos, quase como livros de “autoajuda profissional”. Não se trata de um gênero novo; muito pelo contrário, estes manuais dirigidos a estudantes de Jornalismo ou profissionais da área dialogam com o material encontrado nas mais diversas carreiras, principalmente no ramo empresarial, conforme mostraram Boltanski & Chiapello (2009), analisando as prescrições das revistas de gestão empresarial.

Para Bakhtin/ Volochinov (2010), o conceito de significação está no plano do que é repetido e reiterável no discurso, ou seja, “é o efeito da interação do locutor e do receptor produzido através do material de um determinado complexo sonoro” (BAKHTIN/ VOLOCHINOV, 2010:

132). Deste modo, a significação no material analisado trata das maneiras de o sujeito conseguir “atalhos” e atingir sucesso na profissão de jornalista, prescrevendo situações e/ou experiências a partir da experiência dos profissionais, por mais que estes textos não tenham a pretensão de ser manuais.

Dos três livros analisados, somente um deles não trata da temática dos jornalistas *freelancers*. No entanto, o único destoante, “A vaga é sua”, traz um capítulo intitulado “como trabalhar como freelancer”, o que mostra a importância de profissionais com este tipo de vínculo no atual mundo do trabalho dos jornalistas.

Há dois tipos de prescrições nos “manuais”: as prescrições “mostradas”, que têm o intuito claro de mostrar como fazer para atingir o sucesso, como evidenciam as marcas enunciativas de imperativo nos enunciados, por exemplo; as prescrições “apagadas”, por outro lado, que têm a função de “dissimular” as prescrições “mostradas”, ou seja, um discurso segundo o qual as prescrições não servem a todos nem cabem em todas as ocasiões, mas são apenas experiências que os profissionais autores têm a passar.

Dois exemplos desta prescrição “apagada” são os seguintes: “não há receita única, mas um começo de resposta vale para todos os casos” (PINTO & CASTRO, 2010: 11) e “não defendo o empreendedorismo como solução para o desemprego. Funciona apenas em alguns casos e para algumas pessoas” (RAINHO, 2008: 69). Ou seja, dissimula-se a intenção de o texto ser um manual para minimizar um eventual fracasso de alguém que siga todos os passos dos livros, como fica evidenciado em “um começo de resposta vale para todos os casos”, isto é, há um início de prescrições para todos, e o restante dependerá do contexto. No entanto, as obras em referência não negam que se trata de “receitas”, prescrições.

Quanto à prescrição “mostrada”, há palavras “fortes”, que ligam alguma ação que não é muito bem-vista no meio profissional a um “pecado”, isto é, que leva à derrocada no exercício da profissão, como se constata em: “Pecados dos frilas: não cumprem prazo, mandam o texto com mil problemas, não mandam o texto no tamanho combinado” (PINTO & CASTRO, 2010: 136). Deste modo, quem atua em tal meio deve adequar-se a estas normas antecedentes, bem como às prescrições de quem paga os profissionais por estes serviços.

O contrário do “pecado” é o “segredo”, ou uma “porta”, que garantirá o sucesso profissional; trata-se da chave para vencer na profissão, como se pode observar nos exemplos a seguir: “Quatro portas para um emprego: participar dos programas de treinamento ou fazer estágios, participar de concursos, oferecer pautas como *freelancer* para mostrar seu trabalho e ganhar a confiança dos editores, fazer (e manter) contatos” (PINTO & CASTRO, 2010: 13). “Mesclar frilas de curto e de longo prazo é o segredo para ter trabalho sempre” (OLIVEIRA, 2010: 117).

O verbo “precisar” também é importante para estas prescrições mostradas, pois trata da necessidade urgente de os jornalistas seguirem determinadas regras, e não outras: “Frilas também fazem parte do time, ainda que temporariamente. Precisam ter tanta sintonia com os

objetivos da empresa quanto os funcionários de carteira assinada” (OLIVEIRA, 2010: 41) ou “um frila precisa ganhar 50% a mais que um trabalhador de carteira assinada para compensar os benefícios que deixa de receber” (OLIVEIRA, 2010: 117).

Há também marcas enunciativas ligadas ao uso do modo imperativo dos enunciados para afirmar a “palavra de ordem”, como se percebe nos próximos exemplos: “Consulte colegas”; “não tenha vergonha de perguntar ao entrevistado”; “consulte um redator experiente no momento de escrever a matéria”; “observe seus outros colegas”; “converse com os colegas ou leia os arquivos para se inspirar antes de escrever o lide”; “mostre seu texto para alguém de confiança fazer uma crítica e dar sugestões” (PINTO & CASTRO, 2010: 73). Como observado, ao lado do modo imperativo, aparecem verbos fundamentais para as prescrições, como “consultar”, “observar” e “conversar”, ou seja, ações que enfatizam a importância das relações de comunicação no mundo do trabalho, ao lado do tema da confiança.

Esta temática pode ser verificada em todos os textos, que mostram a importância dos contatos para os jornalistas, o que revela uma interdiscursividade com as tendências do mundo do trabalho, como afirmado na seção anterior, a partir das noções de “cidade por projetos” e “novo espírito do capitalismo”, cunhadas por Boltanski & Chiapello (2009), isto é, o discurso destes manuais reflete o discurso sobre como se deve trabalhar atualmente, conforme evidenciam os seguintes enunciados: “a era das carreiras acabou: os sobreviventes serão orientados por projetos” (RAINHO, 2008: 23) ou “hoje o mercado valoriza mais quem tem experiência diversificada em várias companhias do que aquele que viveu durante longos anos com um único crachá” (RAINHO, 2008: 31). No primeiro enunciado, sacramenta-se, com o verbo “acabar”, que não há espaço mais para as carreiras ou para a estabilidade no mundo contemporâneo, somente para a flexibilidade. No segundo enunciado, esta flexibilidade é exaltada diminuindo-se a figura do “crachá”, que seria considerado símbolo de um vínculo de trabalho estável.

A confiança, que é conseguida a partir da comunicação entre os colegas de trabalho, reforça a importância do mundo do trabalho como mediação da comunicação (FÍGARO, 2001). Como foi dito em um dos livros analisados, “é se interessar pelas pessoas e pelo que elas fazem e estar disposto a trocar ideias e experiências. Lembre-se (sic) que todos – colegas de faculdade, atuais concorrentes, professores de Jornalismo – um dia poderão cruzar seu caminho. É bom que, nesse dia, vocês já se conheçam e possam ser amistosos” (PINTO & CASTRO, 2010: 23); “É preciso ter disposição, uma rede de contatos, aceitar ou recusar trabalhos, saber planejar” (PINTO & CASTRO, 2010: 135); “O contratante está interessado em contar com pessoas não somente competentes, mas confiáveis” (OLIVEIRA, 2010: 17).

Estas características ficam evidentes nos excertos destacados a seguir: “o isolamento do trabalhador *freelance* prejudica, de certa forma, a troca de experiências com seus pares” (RAINHO, 2008: 14); “conviver com profissionais experientes sempre resulta em aprendizado, e esse tipo de relação praticamente deixa de existir

quando trabalhamos sozinhos (OLIVEIRA, 2010: 50). Neste enunciado, a convivência é relacionada com a aprendizagem, ou seja, com algo, aparentemente, fora dos “interesses de mercado”

Há, também, outros enunciados sobre os contatos que revelam as características solicitadas pelo mercado jornalístico, que não podem se esgotar no “discurso oficial” ou no currículo. “O contratante está interessado em contar com pessoas não somente competentes, mas também confiáveis – e isso depende de características pessoais que não aparecem em currículos e portfólios” (OLIVEIRA, 2010: 17); “A maior parte das ofertas de emprego não é publicada nos jornais, e sim preenchida por indicação. Nada mais verdadeiro no meio jornalístico, no qual o QI (quem indica) é uma tradição” (RAINHO, 2008: 68). “Tradição”, aliás, é uma palavra que sugere que algo não deve ser mudado, pois “sempre foi assim”, ou seja, esta marca revela certa naturalidade sobre a importância da rede de contatos.

O discurso sobre a importância da rede de contatos não é somente o de ter uma “aprendizagem”: ele reflete a preocupação de o contato ser um potencial cliente. A partir do seu estudo sobre o perfil do jornalista no Estado de São Paulo, Lima (2010: 216) concluiu que os jornalistas “não planejam a vida fora do curto prazo, vão em busca do cliente e consideram a informação como um negócio”. Esta preocupação já está contida na prescrição “não encare o ex-colega de trabalho como um inimigo. Ele é e será um parceiro, e talvez no futuro próximo um cliente” (RAINHO, 2008: 69).

Roseli Fígaro (2008) falou sobre a “virada discursiva”, com as empresas deixando de chamar os trabalhadores de funcionários para denominá-los “colaboradores”. Neste caso, acontece também um deslocamento de sentidos com relação a estas palavras referentes ao “outro” em questão: “ex-colega”, “inimigo”, “parceiro”, “cliente”, em que toda a relação “desinteressada” pode ter um fim lucrativo. Enquanto as palavras “colega” e “inimigo” denotam relações de amizade/inimizade para o mundo pessoal destes indivíduos, as palavras “parceiro” e “cliente” remetem ao discurso de empresas, que tratam o cliente como um “parceiro comercial”. Este enunciado reflete o afirmado anteriormente sobre o apagamento das fronteiras entre o que é trabalho e o que é lazer, tendo em vista que não se consegue diferenciar “negócios” de “amizade”.

Há também o apagamento das fronteiras entre as funções jornalísticas, já citadas por Scolari (2008) na parte teórica. Aqui, observa-se a introjeção desta rotina de trabalho e do *habitus* jornalístico como algo natural (BOURDIEU, 2007), com o jornalista dedicando-se a seu trabalho 24 horas por dia, como apontou Heloani (2006: 188) a partir da fala de profissionais da área: “eu sou jornalista o dia inteiro. Vida pessoal e vida do trabalho, elas se interpõem”. Ribeiro (1994) endossou esta questão: “mesmo quando não está em horário de trabalho, o jornalista está investido do mandato que lhe é delegado pelo jornal e a este pelos leitores” (RIBEIRO, 1994: 130). Esta visão de mundo se reflete no enunciado do livro “Manual do frila”: “Ser jornalista *freelance* é estar sempre na corda bamba, em busca de equilíbrio entre trabalho e vida pessoal, entre

créditos e débitos, entre a realização e a necessidade” (OLIVEIRA, 2010: 7).

Outra questão que aparece no discurso dos “manuais” é o fato de a atividade jornalística hoje ser mais individual, refletindo o que Boltanski & Chiapello (2009) analisaram sobre a perda da importância das instâncias coletivas tradicionais do mundo do trabalho. Ou, como disse Bernardo (2009: 93/94), “as empresas estabelecem uma relação ambígua com seus empregados, pois os convidam a integrarem (sic) equipes/grupos de trabalho ao mesmo tempo em que (sic) lhes impõe relações de trabalho individualizadas”.

Lima (2010) ratificou esta posição discursiva com relação aos jornalistas, que “possuem um perfil profissional deslocado de valores coletivos; são individualistas e muito mais preocupados com o negócio, meio de vida, do que com aspirações sociais do jornalismo. Dão mais valor ao negócio, ao capital” (LIMA, 2010: 216).

Esta formação discursiva está refletida no seguinte enunciado: “a vantagem da atividade jornalística *freelance* reside no fato de que a concorrência está no nível da competência do indivíduo, de seus talentos inatos e de sua capacidade comercial e organizacional” (RAINHO, 2008: 28). Este interdiscurso tem historicidade nas argumentações de pensamentos liberais do século XX, como Friedrich August von Hayek (1990), que via as instâncias coletivas com desconfiança. Seu discurso está concentrado na louvação das ações tomadas por agentes individuais, sejam empresas, sejam indivíduos, que seriam mais eficientes do que as ações tomadas por atores coletivos. O enunciado do texto de Rainho (2008) ainda exalta os “talentos inatos”, como se a rede de contatos exaltada pelos manuais fosse uma capacidade intrínseca ao indivíduo, e não às relações de comunicação no mundo do trabalho, por exemplo.

Estes “manuais” possuem interdiscursividades com textos de gestão empresarial apesar de serem destinados aos jornalistas. O material enuncia visões de mundo comparáveis ao “discurso administrativo”, similar ao de um gerente, o que também fica evidente neste trecho: “Não basta ser bom no que faz. Para se diferenciar de verdade, um *freelancer* precisa apresentar uma solução atraente para a equação qualidade-preço-tempo – resume o ilustrador (...)” (RAINHO, 2008: 36). O autor utilizou-se da experiência de outro profissional para reafirmar palavras de ordem do discurso administrativo como “solução atraente”, “diferenciar”, “equação”, “qualidade-preço-tempo”.

Todos os “manuais” falam que o jornalista precisa diversificar campos de atuação, precisa ter flexibilidade (refletindo o discurso do toyotismo, descrito na seção anterior) e ter espírito de empreendedorismo ou, como ressaltaram Boltanski & Chiapello (2009), o “novo espírito do capitalismo”. Além disso, esta busca por clientes e a notícia como mercadoria ficam evidentes nos seguintes enunciados: “chegou o momento de procurar clientes, ou seja, trabalho”; “prospectando trabalho: vender, vender e vender: também é a regra em serviços” (RAINHO, 2008: 32).

Ou seja, a atividade jornalística é vista como a procura de

novos clientes e a venda da informação. Como salientou Lima (2010),

(...) os jornalistas de hoje consideram a captação de novos clientes e a receita publicitária como as principais influências na empresa em que trabalham. No discurso dos profissionais, encontramos relação direta com o discurso publicitário principalmente no profissional que trabalha em assessoria de imprensa, que vê a notícia como produto e o público como cliente (LIMA, 2010: 298/299).

No entanto, eles consideram a especificidade do campo da comunicação: “não basta abrir um ponto para surgirem clientes, como no caso de uma loja” (RAINHO, 2008: 65). Isto é, as prescrições consideram que a notícia é uma mercadoria, mas não uma mercadoria qualquer; trata-se de um negócio diferenciado.

Uma frase de um dos manuais sintetiza o “discurso administrativo”, que se relaciona às mudanças no mundo do trabalho e às prescrições de gestão empresarial, com o protagonismo do indivíduo e das características pessoais: “no fundo, este livro é menos sobre jornalismo e mais sobre força de vontade, reflexão, foco, entusiasmo e envolvimento” (PINTO & CASTRO, 2010: 12). Ou seja, há uma visão de que estas características pessoais são prescrições determinantes para se atingir o sucesso na área, como “características inatas”. Esta consideração reforça o “lugar de fala” destes “manuais”, situados entre a esfera jornalística e a esfera administrativa, como livros de “autoajuda profissional”.

Além disso, rebaixam-se outras características historicamente importantes para um jornalista, ligadas ao que Kucinski (2005) chamou de “jornalistas por vocação”. Para ele, hoje, o jornalista já nasce cínico, e há um *ethos* de individualismo extremado: o “jornalista por profissão”.

4. Considerações finais

A partir da análise do material prescritivo dos “manuais” para “se dar bem” na profissão de jornalista, pode-se considerar que o seu discurso reflete e é refletido pelo discurso dos profissionais sobre o seu próprio trabalho, como atestado por Lima (2010), e traz a historicidade das prescrições das mudanças no mundo do trabalho de uma forma geral, como descrito na seção teórica. Esta “homogeneidade” nos discursos reforça a importância de serem analisadas tanto as prescrições como a “atividade de trabalho real” ou, como Schwartz chamou, “o ponto de vista do trabalho” (GOMES, ABRAHÃO & VIEIRA, 2006).

Além disso, estes “manuais” ocupam um espaço, consoante os profissionais autores parecem achar, que o mundo acadêmico não consegue ou não quer ocupar – este “discurso administrativo”. Dizendo que o mais importante são as características inatas, pessoais e a formação de rede de contatos, ou “força de vontade” e “flexibilidade”, de certa forma, estes “manuais” diminuem a importância da universidade na formação do jornalista, ecoando um discurso segundo o qual “o mercado é quem forma”. Trata-se de uma disputa discursiva interessante para se analisar, principalmente numa época em que as universidades estão rediscutindo os seus currículos.

5. Referências

- ANTUNES, Ricardo. *Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho*. São Paulo: Boitempo, 2001.
- BACCEGA, Maria Aparecida. *Palavra e discurso: história e literatura*. São Paulo: Ática, 1995.
- BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Tradução de Paulo Bezerra. 2 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.
- _____. *Estética da criação verbal*. Tradução de Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BAKHTIN, Mikhail/VOLOCHINOV, Valentin N. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2010.
- BERNARDO, Marcia Espanhol. *Trabalho duro, discurso flexível: uma análise das contradições do toyotismo a partir da vivência de trabalhadores*. São Paulo: Expressão Popular, 2009.
- BOLTANSKI, Luc & CHIAPELLO, Ève. *O novo espírito do capitalismo*. Tradução de Ivone C. Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- BOURDIEU, Pierre. *A distinção: crítica social do julgamento*. Tradução de Daniela Kern e Guilherme J. F. Teixeira. São Paulo: Edusp, 2007.
- BRAIT, Beth. Análise e teoria do discurso. In: BRAIT, Beth (Org.). *Bakhtin: outros conceitos-chave*. 4. ed., 3. reimp. São Paulo: Contexto, 2010.
- FÍGARO, Roseli. *Comunicação e trabalho: estudo de recepção – o mundo do trabalho como mediação da comunicação*. São Paulo: Anita/Fapesp, 2001.
- _____. Atividade de comunicação e de trabalho. *Revista Trabalho, Educação e Saúde*, v. 6, n. 1, p. 107-145, Rio de Janeiro, março/junho, 2008a.
- _____. *Relações de comunicação no mundo do trabalho*. São Paulo: Annablume, 2008b.
- FIORIN, José Luiz. *Linguagem e ideologia*. São Paulo: Ática, 2007.
- _____. Interdiscursividade e intertextualidade. In: BRAIT, Beth (Org.). *Bakhtin: outros conceitos-chave*. 4. ed., 3. reimp. São Paulo: Contexto, 2010.
- GOMES, Luciana; ABRAHÃO, Ana Lúcia & VIEIRA, Mônica. Entrevista: Yves Schwartz. *Revista Trabalho, Educação e Saúde*, v. 4, n. 2, p. 457-466, Rio de Janeiro, setembro, 2006.
- HAYEK, Friedrich August von. *O caminho da servidão*. Tradução e revisão de Anna Maria Capovilla, José Ítalo Stelle e Liane de Moraes Ribeiro. 5. ed. Rio de Janeiro: Instituto Liberal, 1990.
- HELOANI, Roberto. O trabalho do jornalista: estresse e qualidade de vida. *Interações*, v. XII, n. 22, p. 171-198, São Paulo, julho/dezembro, 2006.
- KUCINSKI, Bernardo. *Jornalismo na era virtual: ensaios sobre o colapso da razão ética*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo/ Unesp, 2005.
- LIMA, Cláudia Nonato. *Comunicação e mundo do trabalho do jornalista: o perfil dos jornalistas de São Paulo a partir da reconfiguração dos processos produtivos da informação*. 2010. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. São Paulo: ECA/USP.
- MOREIRA, Daisy. Saberes, qualificações e competências: qualidades humanas na atividade de trabalho. 28ª REUNIÃO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISAS EM EDUCAÇÃO – ANPED: “Quarenta anos de pós-graduação em Educação no Brasil – produção de conhecimentos, poderes e práticas”. *Anais...* Caxambu: Anped, 2005.
- MORSON, Gary & EMERSON, Caryl. *Mikhail Bakhtin: criação de uma prosaística*. Tradução de Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Edusp, 2008.
- NOUROUDINE, Abdallah. A linguagem: dispositivo revelador da complexidade do trabalho. In: SOUZA-E-SILVA, Maria Cecília Pérez & FAÏTA, Daniel. *Linguagem e trabalho: construção de objetos de análise no Brasil e na França*. São Paulo: Cortez, 2002.
- ORLANDI, Eni P. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 2005.
- RIBEIRO, Jorge Cláudio. *Sempre alerta: condições e contradições do trabalho jornalístico*. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- SCHAFF, Adam. *Linguagem e conhecimento*. Tradução de Manuel Reis. Coimbra: Almedina, 1976.
- SCHWARTZ, Yves & DURRIVE, Louis (Orgs.). *Trabalho & ergologia: conversas sobre a atividade humana*. Tradução de Jussara Brito, Milton Athayde et al. Rio de Janeiro: Eduff, 2008.
- SCOLARI, Carlos. *Hipermediaciones: elementos para una teoría de la comunicación digital interactiva*. Barcelona: Gedisa, 2008.

Material de análise

- OLIVEIRA, Maurício. *Manual do frila: o jornalista fora da redação*. São Paulo: Contexto, 2010.
- PINTO, Ana Estela de Sousa & CASTRO, Cristina Moreno de. *A vaga é sua: como preparar para trabalhar em jornalismo*. São Paulo: Publifolha, 2010.
- RAINHO, João Marcos. *Jornalismo freelance: empreendedorismo na comunicação*. São Paulo: Summus, 2008.